

O HOMEM NO MUNDO: A FUGA DO EU NA ANTROPOLOGIA DE PASCAL

Adriano Bonfim Pereira*

RESUMO: Este artigo traz uma abordagem reflexiva do homem em sua existência e condição sob a proposição de Blaise Pascal, sobretudo, no que diz respeito às relações que se estabelecem entre a fuga de sua miséria e os paradigmas ilusórios de libertação pela soberba do pensamento racional, da imaginação, do divertimento e do amor próprio. Para Pascal só é possível a superação dos limites humanos pela consciência das características próprias da razão e do coração na construção do conhecimento possível e a consequente harmonização destes pela graça que só Deus pode conceder.

Palavras-chave: homem, coração, divertimento, imaginação, amor-próprio.

Introdução

As características do homem e de sua formação na visão pascalina, apesar de estarem marcadas pelo agostinismo e pelo jansenismo, não podem ser delimitadas a essas linhas de pensamento pelo caráter religioso-moralista. Podemos perceber que seus estudos estão próximos da contemporaneidade e analisam a conjuntura humana não apenas num caráter religioso, mas integral, pois Pascal introduz no pensamento moderno a insuficiência da razão e, por conseguinte, do homem e contrapõe a concepção dualista defendendo a integridade da constituição do homem por paradoxos. Contribui ainda na virada da perspectiva de um mundo ordenado para o indefinido, sem limites, no macro e no microcosmo.

É importante ressaltar que Pascal, ao propor o estudo dos limites humanos em meio ao infinito, não defende que o homem pense sua condição apenas pela introspecção¹, até porque, ao contrário de Descartes, por ela não há certeza de conhecimento universal, nem pelo estudo das coisas exteriores, mas somente quando

* Discente do I semestre de Filosofia do Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNSV). E-mail: galilleu2c@hotmail.com.

¹ Termo de Descartes abordado por Hannah Arendt no livro *A Condição Humana*. A introspecção segundo o filósofo consiste na busca das configurações universais da mente como elemento produtor de certeza para as verdades, sobretudo as matemáticas.

em Deus, no íntimo ou exteriormente, a razão se assenta no coração e os dois controlam sua ação nos limites que lhe são próprios é que é possível compreender seu espaço no mundo para conhecer ao menos a parte no todo. Assim Pascal ao estudar os limites de nossa natureza completa que a razão também é limitada e que não é a única responsável pelos conhecimentos. Fugindo desses limites nenhum conhecimento pode produzir certeza.

O autor pode parecer contraditório em meio a essas teses, contudo sua antropologia revela-se bastante contundente ao mostrar a possibilidade do homem acomodar a sua natureza disjuntiva mesmo estas permanecendo conflitantes. Assim não é possível eliminá-la, mas torná-la coerente. Mas o homem por sua inclinação a felicidade pelo prazer, característica resultante da queda adâmica² de sua primeira condição, busca escapar da dor de confrontar a sua miséria e acaba construindo pela imaginação o artifício no qual assenta sua existência e engana permanentemente a si e aos outros.

Esta construção alienante comporta os princípios do total envolvimento do nosso ser numa razão que estuda o que não pode conhecer, numa imaginação que destrói os relacionamentos humanos, pelo engano mútuo e pelo amor-próprio e finalmente num divertimento que dá apenas uma impressão de repouso.

A constituição do homem

Situando o homem entre duas realidades infinitas: o macro e o microcosmo. Sendo o primeiro o universo invisível na totalidade por sua grandeza e o segundo a natureza também infinita nas suas divisões intermináveis. Pascal nos coloca diante da angústia da nossa finitude em meio a estas realidades, pois “é inútil dilatar nossas

² Termo utilizado no artigo *A Condição Humana, Segundo Blaise Pascal* de Rodrigo da Silva Santos, refere-se ao processo de perda da condição humana de um estágio de felicidade e harmonia com Deus para uma situação de pecado, concupiscência, limitação, engano e contradição.

concepções além dos espaços imagináveis” (PASCAL, 1995, p. 142). Seu objetivo é perceber o real valor do homem, da terra e do artifício³ por ele produzido. Assim:

Que o homem, tendo voltado a si, considere o que é em relação ao que existe; que se considere perdido nesse cantão desviado da natureza; e que, desse pequeno cárcere em que se acha instalado, e entendendo o universo, aprenda a estimar a terra, os reinos, as cidades e a si mesmo segundo o seu justo valor (PASCAL, 1995, p. 142).

Com essa tarefa Pascal aponta que a medição das coisas e o lugar do homem no mundo estão submetidos às limitações humanas, sendo impossível chegar à essência humana e de todo o resto. No entanto o conhecimento é possível dentro desses contornos.

A falta de consciência desses limites gera todos os conceitos equívocos produzidos no pensamento existente. Sendo o homem compostos de duas naturezas confunde-as em meio às coisas simples e nas complexas de igual modo, pois não concebe as duas realidades num ser. Daí Pascal utiliza de Santo Agostinho, mas suplanta a visão dualista definindo-a como a grande causadora da incompreensão do homem em relação a sua natureza: “Em lugar de receber as ideias dessas coisas puras nos as tingimos de nossas qualidades e impregnamos o nosso ser composto (em) todas as coisas simples que contemplamos” (PASCAL, 1995, p. 147). Olhando para esse diagnóstico Pascal coloca como grande erro da ciência analisar a natureza como se houvesse alguma proporção entre ela e o homem. A mecanização cartesiana da razão achando-se capaz de tudo responder e tudo analisar como objeto de estudo com diferenças apenas de grau. As melhorias, que este modelo ciência proporcionava, aumentavam também as distâncias sociais entre os homens.

No entanto, também a ciência se desdobra em conceitos infinitos, mas que resultam em conhecimentos possíveis embora incertos, sobretudo se estes fogem soberbamente dos limites da razão como ele próprio defende.

³ Arendt utiliza esta expressão para designar o mundo construído pelos homens, mais especificamente o material. No entanto, além disso, aqui me refiro a tudo o que pode ser criado na sociedade humana, as instituições, as normas sociais etc.

Embora a razão seja limitada, o pensamento é quem forma sua grandeza e distinção, pois o homem é o único ser do mundo capaz da consciência, ele sabe que vive, sabe que morre, sabe por que procura e apreende as formas, classifica, organiza e atua sobre aquilo que se encontra a sua volta, assim compreendo que detém o universo ao menos enquanto ideia.

O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo. Um vapor, uma gota d'água, é o bastante para matá-lo. Mas, quando o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que o que o mata, porque sabe que morre; e a vantagem que o universo tem sobre ele, o universo a ignora. Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. É daí que é preciso nos elevar, não do espaço e da duração que não saberíamos encher. Trabalhem, pois, para bem pensar: eis o princípio da moral (PASCAL, 1995, p. 154).

Na sua constituição de duas naturezas, que não se dissolvem e difíceis de conceber, o homem continua na tentativa de tudo abraçar ou ao menos estar seguro em alguma certeza. O homem após a queda ainda detém uma vontade insaciável e justamente ela pode conduzi-lo tanto para a concupiscência, sua pior indigência, como para Deus, que pode proporcionalmente saciá-la por ser também infinito. Direcionar esta vontade para bem pensar se constitui o grande desafio humano, pois a alma tende naturalmente a primeira opção. No entanto o pensamento não pode estabelecer relação com o mistério, só quando o homem recebe não apenas o que não pode compreender, mas aceita a sua incoerência pode encontrar o Absoluto, que não é uma idéia ou proposição, mas Deus.

Atali avalia que para Pascal como a razão, nossa maior grandeza, nos eleva, também tudo aquilo que estabelece algum valor real está intrínseco a nós, isto é, nada daquilo que está fora de si ou é cultivado no artifício humano pode por si mesmo alterar nossa natureza ou nos fazer melhores.

As grandezas naturais são as que não dependem do capricho dos homens, porque consistem em qualidades reais e efetivas da alma ou do corpo, e este ou aquela tornam mais estimável (como ocorre com as ciências) a luz da inteligência, a virtude, a saúde, a força. [...] As

grandezas de posição dependem da vontade dos homens, que acreditaram com razão dever honrar certas condições sociais e atribuir-lhes certa respeitabilidade. “As dignidades e a nobreza são desse gênero” (PASCAL *apud* ATALI, 2003, p. 52⁴).

Infelizmente, como Pascal percebeu desde sua época e muito mais se vê hoje, o valor do homem se reproduz na aparência, nas imagens reproduzidas e criadas por ele e que regem as relações, mas que não o retratam intrinsecamente. Estes aspectos veremos mais adiante.

Imaginação, divertimento, amor-próprio: elementos da fuga

Por que nos conhecemos tão pouco? Por que temos dificuldade de falar sobre nós? Ocupamo-nos pouco de nós, preferimos falar, analisar os outros, pois os seus segredos são mais interessantes. A miséria do outro é espantosa, nova. A nossa, ao contrário, incomoda. Para melhor entender, começaremos com a separação das funções da razão e do coração.

Conhecemos a verdade, não somente pela razão, mas ainda pelo coração; é desta última maneira que conhecemos os primeiros princípios, e é em vão que o raciocínio, que deles não participa, tenta combatê-los [...] O coração sente que há três dimensões no espaço e que os números são infinitos; e a razão demonstra, em seguida, que não há dois números quadrados dos quais um seja o dobro do outro. Os princípios se sentem, as proposições se concluem; e tudo com certeza, embora por diferentes vias (PASCAL, 1995, p. 185-186).

Percebe-se aqui, de acordo com Sellier⁵, que o coração é responsável pelos conhecimentos íntimos, mediatos e indemonstráveis, deles partem todos os outros. Daí parte a defesa de Pascal de que a razão se assente no coração, pois não há submissão de uma sobre a outra, são interdependentes e trabalham por diferentes caminhos que se complementam, mas sendo o coração responsável por apreender os conhecimentos primeiros, a razão deve dele partir.

⁴ Retirado do artigo de Rodrigo da Silva Santos, *A condição humana*, segundo Blaise Pascal. p. 1.

⁵ SELLIER *apud* NASCIMENTO, 2006.

Além disso, as razões do coração podem ser consideradas a intuição sensível e intelectual que a Filosofia concebe hoje. A sensível se enquadra na classificação acima e a intelectual também com todos estes aspectos, mas utilizando da memória.

Pascal considera a imaginação como a aptidão humana enganadora onde não é possível distinguir o falso do verdadeiro. Ela surge da relação entre a memória à vontade, criando e desfazendo realidades, confundindo a razão. Por trabalhar com imagens a imaginação utiliza da memória para criar suas próprias imagens e destas a realidade. A professora Juçara Santos explicita bem o conceito de engano desta faculdade do homem causa ao afirmar que: “Esse caráter de verdade emprestado as imagens valorizadas pela imaginação conduz o homem ao erro” (SANTOS, 2006, p. 17). No entanto, a autora defende que as imagens são recortadas da realidade segundo a vontade da imaginação. Mas, além disso, elas resultam de criações que partem destes recortes e da própria memória alienada que é construída socialmente, segundo Pascal: “Quem dispensa a reputação? Quem dá o respeito e a veneração às pessoas, às obras, às leis, aos grandes, senão essa faculdade imaginante? Todas as riquezas da terra são insuficientes sem o seu consentimento” (PASCAL, 1995, p. 162).

O artifício humano baseado na aparência é resultado da ação da imaginação. Esta percepção do filósofo, apesar de tratar de algo já existente em sua época parece prenunciar a excitação da ação imaginativa do homem como fator de domínio e alienação presente hoje mesmo no hemisfério sul, mais pobre. Basta ter um televisor em casa que a pessoa estará suscetível aos ataques da propaganda que usa de meios psicológicos e emocionais próprios da imaginação.

Os efeitos do uso da imaginação são muito mais fortes e persuasivos e menos trabalhosos do que qualquer forma de repressão. Descobrimo isso o sistema capitalista aplica-o maciçamente. Este inimigo da razão e da consciência é muito mais difícil de combater, pois pela imaginação ele se torna amigo, favorável. Arendt falando da contemporaneidade sobre a experimentação científica identificada na imaginação é mais incisiva ao afirmar:

Embora possa aumentar o poder humano de criar e de agir, até mesmo de criar um mundo, a um grau muito além do que qualquer época

O homem no mundo: a fuga do eu na antropologia de pascal, p. 212-223.

anterior ousou imaginar em sonho ou fantasia, torna infelizmente a aprisionar o homem – e agora com muito mais eficácia – na prisão de sua própria mente, nas limitações das configurações que ele mesmo criou (ARENDR, 2005, p. 301).

Pascal avalia que o valor que se atribui pela imaginação as coisas que paramentam a pessoa, as instituições e todas as construções humanas dá a ilusão de que os instrumentos não estão somente relacionados a estes, mas os constituem.

Pois a razão tem sido obrigada a ceder, e a mais sábia toma por seus princípios os que a imaginação dos homens temerariamente introduziu em cada lugar.

Os nossos magistrados conheceram bem esse mistério. As suas túnicas vermelhas, os arminhos com que se enfaixam de gatos pingados, os palácios em que julgam, as flores-de-lis, todo esse aparato augusto era muito necessário: e, se os médicos não tivessem sotainas e galochas, e os doutores não tivessem bonés quadrados, e túnicas muito amplas de quatro partes, nunca teriam enganado o mundo, que não pode resistir a esse monstro tão autêntico. Só os homens de guerra não estão disfarçados assim, porque na realidade a sua parte é mais essencial: estabelecem-se pela força, ao passo que os outros pela careta (PASCAL, 1995, p. 163).

As consequências são ainda piores quando refletem nas relações humanas. Pela imaginação o homem constrói a sua auto-imagem segundo o amor-próprio⁶, pois a sua verdadeira condição (imagem) é insuportável de ver. Da mesma forma estabelece as imagens dos outros e os modelos humanos. A fuga não é apenas de si, mas também do outro, pois ele também reflete a miséria do eu.

Na época em que não existiam espelhos. As pessoas só podiam enxergar-se pelos reflexos d'água. A imagem que tinham de si mesmas era basicamente construída por outros. Obviamente há partes do corpo em que não é preciso de espelho para conhecê-las, mas a face, a principal dele no que diz respeito à identidade física, é fundamental. Do contrário seria muito triste não se ter uma figura concreta de si.

⁶ Sobre o termo amor-próprio Armogathe afirma: “Após a queda, o amor de si passou de *finis qui a finis cui*, constituindo-se num fim em si por usurpação e não numa passagem, ou num instrumento em direção ao amor de Deus”. Sendo *finis qui* o amor do homem de si e do próximo consequentemente, *finis cui* constitui o amor em que o homem somente considera a si.

O outro é necessário para que eu me enxergue. Quando você se vê em um dado acontecimento ou atitude de alguém. Parece que vive aquilo como algo intimamente seu. Ou quando uma pessoa te mostra um defeito ou qualidade que nunca tinha percebido, nestes exemplos é nítido o quanto o outro é importante na construção do nosso ser. Isso ilustra bem como a visão de uma pessoa muda no momento em que ela se coloca no lugar de outra ou ainda o quanto é diferente se analisar olhando de fora para si mesma considerando igualmente que pode ser ela que se observa, alguém conhecido ou não.

No entanto, por não desejar ver a sua verdadeira imagem, o homem constrói aquela que satisfaz ao seu amor-próprio. Pensar sua condição é incômodo, e muito mais se é outro que nos revela, enquanto os recursos da imaginação são prazerosos. Dessa forma, as relações humanas tornam-se apenas associações de figura, fugimos uns dos outros e de nós mesmos. A sua profissão, por exemplo, seguindo todos os padrões sociais, diz quem você é e isso que basta.

A imaginação “não pode tornar sábios os loucos; mas, os torna felizes em relação à razão” (PASCAL, 1995, p. 162). Voltando ao amor-próprio; sendo a imagem de sua miséria repugnante e ele considerando somente a si o homem acaba odiando ainda mais esta verdade e tudo faz para fugir dela.

Não conseguindo deixar sua natureza de lado, suas misérias, sua solução é simplesmente negar tal condição miserável para si e para os outros. Para tanto, o homem retira o olhar sobre si para que não perceba sua própria condição. Todavia, sabemos que há em cada ser humano um vestígio de sua primeira natureza em seu estado de miséria, isto é, a vontade, a necessidade do ser perfeito (PETRUCCI, 2008, p. 2).

O amor-próprio faz parte da condição decaída do homem. É a fuga do verdadeiro Bem que é Deus, pois ao perder a harmonia com o criador o homem figura em si a adoração que caberia só a um ser perfeito e por não conseguir condicioná-la às suas misérias se ilude com uma imagem forjada de nobreza. Portanto “tratam-nos como queremos: odiamos a verdade no-la ocultam; queremos ser adulados, adulam-nos; gostamos de ser enganados, enganam-nos (PASCAL, 1995, p. 161)”.

Por isso, hoje é muito mais difícil retirar alguém da alienação massificadora, ela é prazerosa, cômoda. A grande vantagem de ser alienado é não ter responsabilidade por si e muito menos pelos outros. Posso sempre delegar a culpa ao estado, ao mercado, aos outros, as pressões sociais, e mais uma vez conseguir disfarçar sua miséria e escapar de sua repreensão aos seus defeitos.

Dependente do amor-próprio, não consigo estabelecer relações sinceras, não é possível compreender a alteridade e continuo reprimindo minha imagem real. Daí surgem as neuroses, depressões, carências tão presentes em nosso tempo. Pois a natureza grande e miserável nos compõe, não podemos fugir dela todo tempo.

Parráz reflete o amor-próprio na necessidade de estima que o homem carrega em si. Por ela tudo é capaz de fazer e até mesmo o “bem” ou o “amor” que pratica tem como único fim este interesse.

Mas, embora negue aquele desejo aos outros, estes são necessários para ele, pois são eles que sustentam a grandeza do eu, dispensando a ele a estima. A estima é, então, o suporte necessário para que o eu (cheio de misérias e imperfeições) se acomode ao seu desejo de ser Deus (PARRAZ, 2004, p. 187).

Há ainda o divertimento que não constitui o homem, mas é um dos principais meios para não pensar sua condição e chegar insensivelmente à morte. De acordo como Reale e Antiseri (2004), Pascal utiliza o termo *diverssement* do francês que difere do termo latim *devertere* ao especificar o desvio como aquilo que confunde o homem e o desvia da tarefa de pensar a sua miséria.

Assim, o divertimento implica em toda e qualquer atividade para distração humana. Para se sentir seguro e amado busca a companhia de muitos; estar em meio a multidão na “sociedade visível”, nos grupos sociais ou ao menos nos lugares evidentes.

Encher-se, de tarefas, passeios, jogos, eventos, para esconder o vazio faz o homem achar que está realmente em repouso quanto mais se distrai. Todavia no silêncio e no repouso a angústia que possibilitaria ultrapassar-se exige com intensidade da razão e do coração. Fugir dela ainda é mais vantajoso. Assim Pascal considera o divertimento como o essencial elemento que a alma utiliza para esquecer-se.

Eis a origem de todas as ocupações tumultuárias dos homens e de tudo o que se chama de divertimento ou passatempo, nos quais, de fato, não se tem por fim senão deixar neles passar o tempo sem o sentir, ou antes, sem se sentir a si mesmo, e evitar, perdendo essa parte da vida, a amargura e o desgosto interior que acompanhariam necessariamente a atenção que se prestasse a si mesmo durante esse tempo (PASCAL, 1995, p. 173).

A ocupação da mente com algo que lhe impeça de pensar – refiro-me a pensar no que diz respeito a análise do próprio pensamento, a reflexão, aos questionamentos elaborados pra a razão der ser e de agir – configura os modelos de vida existentes como únicos para o alcance da felicidade. Isto ocorre porque o homem busca fora de si algo que o complete que o agrade, pois em si não encontra nada de que possa sentir prazer e seja finalmente feliz.

Atualmente, as exigências sociais de especialização, de confronto e competição gera a mecanização da ação humana para o alcance do repouso que nunca ocorre. Daí Pascal ajuda a entender que o prazer não está no repouso, mas na sua busca de forma que nos aproxime cada vez mais do repouso, mas com o objetivo de nunca o alcançar. A insatisfação humana desse modo não se reduz a concepção grega da busca como caminho para a sabedoria, mas, ao contrário, é um recurso de evasão, tendo, assim, duas opções para satisfazer-se. No entanto, a segunda é considerada mais excelente pela facilidade e pela felicidade aparente e atraente.

Conclusão

Entre os limites da razão, a dificuldade de localizar-se no mundo, e os elementos, constitutivos e ou produzidos, de subterfúgio da insensibilidade. O homem dispõe da razão e do coração e pela graça divina pode pensar sua condição e superar, em maior ou menor grau, os empecilhos de sua liberdade construída na alteridade e tendo com fim a felicidade.

É desafiador mergulhar dentro de si, há muitos obstáculos. Assim Pascal propõe na sua antropologia que somente quando, pela busca do verdadeiro Bem que é Deus,

temos a coragem de assumir que pouco sabemos de nós, do restante das coisas e dos seres e que muito menos podemos sozinhos conhecer e ultrapassar livremente, sem a influência de dogmas e convicções preconceituosas a nossa verdade ligada a verdade absoluta.

Olhando estes aspectos a consciência de si deve acontecer num processo dialético agora fundamentado em meio às relações sociais, as ciências, a história, o homem, Deus, o mundo, as coisas inteligíveis e sensíveis, a razão e o coração não necessariamente nesta ordem, todavia de uma maneira dinâmica e interacional em que estes conhecimentos dialogam e mostram finalmente quem sou, não apenas em essência, mas para mim e para os outros como defende Hegel.

Dentro destes pontos, pensar a condição humana não é uma tarefa finita, nem da qual se possa tirar conclusões imutáveis. Claro que apesar das mudanças permanecemos os mesmos. Ter consciência do que sou, assim, demonstra também as possibilidades: o que posso ou não me tornar.

Referências

ARMOGATHE, Jean-Robert. Pascal e o amor-próprio. **Kriterion**. v. 47, n.114, 2006, p. 223-236.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos à Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NASCIMENTO, Juçara dos Santos. **Paradoxos do homem**: um estudo sobre a condição humana em Pascal / Juçara dos Santos Nascimento – São Carlos: UFSCar, 2006. 111p. Disponível em: www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=151275. Acesso em 17 de junho de 2011 às 21h37min.

PARRAZ, Ivonil. A existência em Pascal. **Ciência & vida**, n. 20, 2008. p. 28-37.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Edipro, 1995.

PETRUCCI, Rodolfo Marcos. O divertimento e o amor-próprio em Pascal. **Filogenese**, v. 1, nº 1, 2008, p. 170-178.

PONDÉ, Luiz Felipe. Crítica da razão triste. **Episteme**, Porto Alegre, n. 18, jan./jun. 2004, p. 129-143.

_____. **O homem insuficiente**: comentários de antropologia pascaliana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 80, Março 2008, p. 11-43.

SANTOS, Rodrigo da Silva, **A condição humana, segundo Blaise Pascal**. Disponível em: http://www.franciscanos.org.br/rondinha/trabalhos/pdf/RODRIGO_DA_SILVA_SANTOS_ARTIGO.pdf, Acesso 17 de junho de 2011 às 21h45min.

SILVA, Franklin Leopoldo. **As vertigens da razão e o mistério da fé** (vídeo). <http://vodpod.com/watch/2218825-kierkegaard-e-pascal-as-vertigens-da-razo-e-o-mistrio-da-f-cpfl-cultura> Acesso em 10 de Junho de 2011 às 16h26min.

